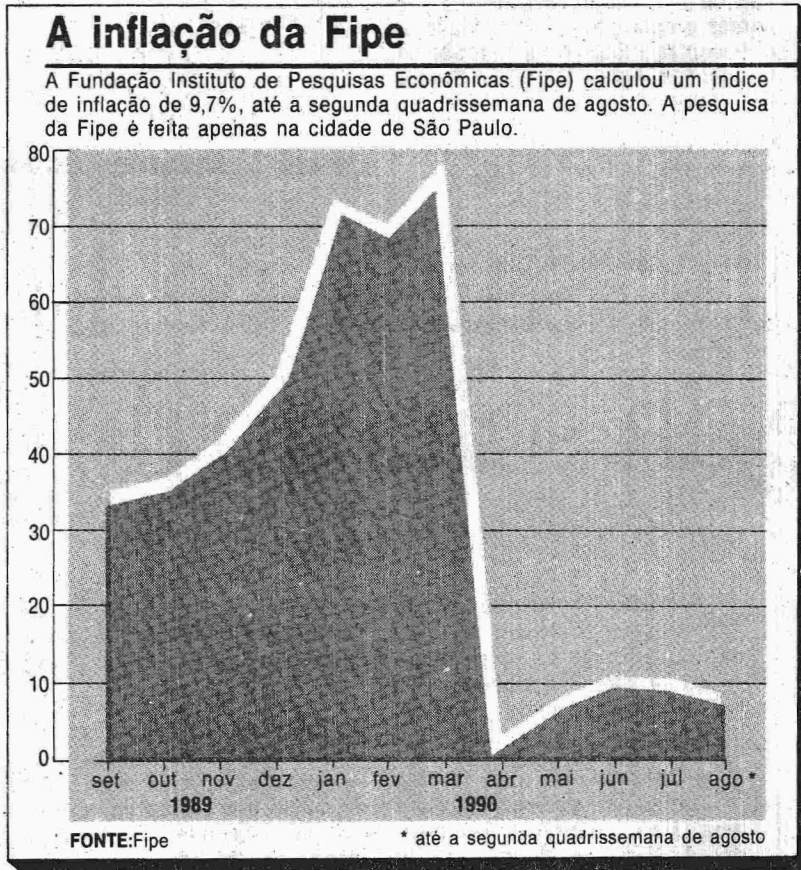


Fipe registra inflação de 9,7%

SÃO PAULO — Foi de 9,7% a inflação apurada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) na segunda quadrissemana de agosto (período de 15 de julho a 15 de agosto), para as famílias do município de São Paulo com renda entre dois e seis salários-mínimos. Em relação à quadrissemana anterior, o índice teve uma redução de 0,80 pontos percentuais. Mas pelo método ponta-a-ponta, que pela primeira vez incluiu o aluguel, porque este item não apresenta mais efeitos da inflação em cruzados novos, a taxa ficou em 8,80%, pouco acima dos 7,41% registrados na primeira semana de agosto contra a primeira de julho.

Como o método ponta-a-ponta permite antecipar o comportamento da taxa do método tradicional de cálculo da Fipe, que compara preços médios, o coordenador da pesquisa da Fipe, Juarez Rizzieri, acredita que o índice das duas próximas quadrissemanas deverá ficar pouco acima dos 9,7%, podendo voltar aos dois dígitos. Ele salientou, porém, que a diferença terá efeitos apenas psicológicos, já que o importante é a estabilização da taxa.

A elevação do ponta-a-ponta já era esperada por Rizzieri, que a atribuiu à inclusão do aluguel, que subiu 5,02%, e aos aumentos de combustíveis, leite, cigarros e hortifrutigranjeiros. Pelo método tradicional de cálculo, a alimentação — particularmente cereais e carnes, cujos preços ficaram estáveis nas últimas quatro semanas — continuou aumentando menos, tendência que se mantém desde a segunda semana de julho. O



grupo Alimentação teve alta de 9,87%, contra 11,10% na primeira quadrissemana.

Outro item que ajudou a puxar a taxa para baixo foi o aluguel, com 30,18% (contra 33,94% na quadrissemana anterior), já que o efeito da inflação em cruzados novos está pra-

ticamente encerrado e o da inflação em cruzeiros é bem mais moderado. Os artigos de limpeza, higiene e beleza continuam com tendência de alta. Os demais itens ficaram estáveis, embora Rizzieri esperasse queda maior do preço do Vestuário, que teve alta de 9,53%.

BC apertará liquidez para controlar preços

SÃO PAULO — O receio de um repique inflacionário em setembro e o objetivo de atingir a meta já anunciada de manter a expansão da base monetária em 9% do Produto Interno Bruto no segundo semestre são as explicações de alguns economistas para o aperto monetário programado pelo Banco Central. Entre 3 e 6 de setembro, o BC pretende retirar de circulação cerca de Cr\$ 80 bilhões.

De acordo com Paulo Nogueira Batista Júnior, do Instituto de Economia do Setor Público/Fundap e da Fundação Getúlio Vargas, o problema é a inflação:

— O Governo já deve ter detectado que as pressões inflacionárias decorrentes dos dissídios coletivos de bancários e petroleiros, escassez de alguns alimentos e crise no Golfo Pérsico podem fazer com que a inflação volte a subir em setembro. A razão de um drástico aperto monetário seria tentar reduzir ao máximo possível outras altas de preços, para conseguir um equilíbrio, na média.

Já o Presidente do Conselho Regional de Economia de São Paulo (Corecon), Octávio de Barros, tem uma explicação adicional:

— Estou certo de que o objetivo é muito maior. O Governo já anunciou que pretende manter a expansão da base monetária em 9% do PIB no segundo semestre, o que é difícil, pois nesse período, tradicionalmente, há uma expansão natural, devido ao pagamento do décimo terceiro salário ao funcionalismo e outras despesas.